A Arqueologia do Saber de Michel Foucault: Entre a descrição estrutural e a análise epistemológica

Michel Foucault's Archeology of Knowledge: Between structural description and epistemological analysis

Predro Ragusa*

Resumo: O objetivo deste artigo é mostrar como a pesquisa arqueológica de Michel Foucault foi desenvolvida a partir da composição de um eixo teórico-metodológico híbrido, o qual, serviu de aporte para a prática de suas histórias arqueológicas nos anos sessenta. O hibridismo teórico-metodológico da arqueologia do saber foi explorado nesse artigo a partir de um percurso teórico que coloca em discussão a complexa relação entre a epistemologia francesa e o estruturalismo, ambos articulados pelo filósofo através da problemática sobre a descrição dos saberes. Dessa maneira, o artigo procura localizar a singularidade do método de Michel Foucault intitulado arqueologia do saber e oferecer uma contribuição para um importante debate originário nos sessenta sobre a participação de Foucault no movimento estruturalista. De fato, o filósofo adota procedimentos estruturalistas ao delimitar a noção de episteme como estrutura para os saberes, mas realiza uma análise estrutural através de uma problemática da pesquisa posta pela epistemologia francesa e através da descontinuidade histórica.
Palavras-Chave: Metodologia. Arqueologia. Estruturalismo.

Abstract: The purpose of this article is to show how Michel Foucault's archaeological research was developed from the composition of a hybrid theoretical-methodological axis, which served as a contribution to the practice of his archaeological histories in the sixties. The theoretical-methodological hybridism of the archeology of knowledge was explored in this article from a theoretical path that puts into question the complex relationship between French epistemology and structuralism, both articulated by the philosopher

* Doutor em História (UNESP). Professor colaborador pelo departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

through the problem of the description of knowledge. In this way, the article seeks to locate the singularity of Michel Foucault's method entitled archeology of knowledge and to offer a contribution to an important debate originating in the sixties about Foucault's participation in the structuralist movement. In fact, the philosopher adopts structuralist procedures when delimiting the notion of episteme as a structure for knowledge, but carries out a structural analysis through a research problem posed by French epistemology and through historical discontinuity.
Keywords: Methodology. Archeology. Structuralism.

Introdução

Michel Foucault, mesmo declarando em várias oportunidades não ser um estruturalista, pôde desenvolver seus estudos arqueológicos por meio de um hibridismo teórico-metodológico que o colocou "ao lado", e em conjunto com os pesquisadores que foram reconhecidos e chamados por estruturalistas durante a década de sessenta (VALLEJO, 2011, p. 137-185; VEYNE, 2011, p.173).

Em uma entrevista em 1967, Michel Foucault declarou: "O que tentei fazer foi introduzir análises de estilo estruturalista em domínios dos quais elas não haviam penetrado até o presente, ou seja, no domínio da história das ideias, da história dos conhecimentos, da história da teoria" (FOUCAULT, 2011b, p. 62). A introdução e o desenvolvimento dessas análises destacadas pelo filósofo, partiram da composição de um eixo teórico-metodológico híbrido entre epistemologia das ciências e um estruturalismo histórico. Esse eixo de pesquisa serviu de aporte para a prática da pesquisa arqueológica em "As Palavras e as Coisas", livro considerado o "mais estruturalista" escrito pelo filósofo, onde encontra-se uma descrição histórico-estrutural dos discursos sobre os saberes em diferentes períodos históricos chamados por ele de epistemes (FOUCAULT, 2007; DOSSE, 2007, p. 433).

A epistemologia francesa forneceu a Michel Foucault o tema e a problemática para sua pesquisa arqueológica, isto significa que o filósofo francês realizou um percurso de investigação histórica sobre a produção e organização dos saberes científicos, e, de maneira singular, apresentou uma

noção temporal descontínua sobre a história dos saberes modernos no ocidente. O aporte teórico-metodológico definido para o desenvolvimento dessa problemática foi posto com a introdução de um estilo de linguagem similar ao que fizeram os estruturalistas, isto é, por meio de um objeto estrutural nomeado de episteme, com o qual o filósofo pôde realizar suas descrições sobre a relações discursivas que constituíram os saberes na modernidade.

Assim, a hipótese que serviu de fio condutor para esse artigo, e pelo qual, se fez o desenvolvimento dessa pesquisa possui a seguinte formulação: Michel Foucault momentaneamente durante a prática da arqueologia dos saberes desenvolveu um método híbrido para a descrição histórica-estrutural dos saberes ocidentais mediado por uma linguagem estruturalista, por um objeto estrutural e por uma análise epistemológica.

Dessa maneira, num primeiro momento, será apresentado como o método arqueológico foi constituído pela influência da epistemologia através de sua delimitação temática, e da composição da problemática em descrever historicamente as relações discursivas a partir das condições históricas de possibilidade para o aparecimento dos discursos. Num segundo momento, busca-se compreender como a arqueologia dos saberes também estabeleceu uma interface com o estruturalismo, podendo ser considerada uma prática específica de um estruturalismo histórico, uma vez que Michel Foucault identificou nas análises estruturais um método para auxiliá-lo a mostrar rupturas e transformações históricas através da introdução da noção conceitual de episteme[1].

Epistemologia francesa e arqueologia dos saberes: ruptura epistemológica e descontinuidade histórica

De acordo com Machado (2006, p. 14), mesmo que a arqueologia foucaultiana retenha certa influência da epistemologia francesa, é necessário deixar claro uma importante diferença para com o "método" de Michel

[1] Trata-se da introdução de um conceito que pôde delimitar o momento mais estruturalista no pensamento e nos escritos de Michel Foucault através de uma problematização desenvolvida por sua arqueologia dos saberes no campo da história.

Foucault. De fato, a arqueologia não pode ser uma epistemologia ao menos em um ponto: as descrições realizadas pela arqueologia de Michel Foucault diferentemente da epistemologia francesa não conferem nenhum privilégio a diferença entre discurso científico e discurso pré-científico, isto é, para a arqueologia, o saber como objeto de investimento analítico pode ser delimitado nas suas mais diversas manifestações[2].

Reconhecida essa diferença entre epistemologia e arqueologia do saber, torna-se necessário reconhecer a aproximação entre esses campos teóricos através de dois traços fundamentais quem marcaram a influência da epistemologia francesa definida pela linha de Canguilhem sobre o método de Foucault. 1) a problemática sobre os regimes de racionalidade. 2) a perspectiva histórica da descontinuidade temporal. Nesse sentido e por meio desses dois pontos de contato entre essas linhas teórico-metodológica, coloca-se a seguinte questão, de que maneira a problemática sobre os regimes de racionalidade delimitada pela epistemologia francesa foi apropriada por Michel Foucault na descrição histórico-estrutural sobre os saberes em sua pesquisa arqueológica?

Para o filósofo francês, a tarefa e os objetivos científicos atribuídos à epistemologia enquanto análise histórica dos saberes é mostrar "em que medida esta história (das ciências) podia contestar ou manifestar seu fundamento absoluto em racionalidade" (FOUCAULT, 2013b, p. 305). E por meio da tarefa feita pela análise epistemológica ser possível "determinar as condições estruturais de produção dos discursos em determinado regime de racionalidade existente" (MACHADO, 2006, p.7). Dessa maneira, a abordagem epistemológica sobre os saberes de uma época apresenta um ponto de vista histórico-estrutural sobre a formação e o funcionamento dos estratos e das relações discursivas interna aos saberes.

Por meio dessa perspectiva sobre os regimes de racionalidade demarcados com a história das ciências no pensamento e nos escritos de Canguilhem, a filosofia pôde manter com a história das ciências uma relação mais direta do que com a história, ou com as demais ciências puras propriamente ditas. Isso foi possível sobretudo pela "nova problemática"

[2] Como por exemplo, com os saberes relativos a loucura e expressados pela própria linguagem do louco que foram excluídos do campo da razão.

filosófica desenvolvida com a contribuição dos trabalhos sobre as teorias da física de Gaston Bachelard e das ciências biológicas com George Canguilhem (YASBEK, 2008, p.63).

Para recuperar a herança conceitual e teórica legada pela epistemologia e introduzida na pesquisa arqueológica sobre os saberes, é necessário recuperar os fundamentos básicos ofertado pela epistemologia francesa com a finalidade de mostrar posteriormente qual o limite da carga de influência teórica que o método arqueológico de Michel Foucault pôde reter dos estudos epistemológicos no desenvolvimento de sua pesquisa.

A linha teórica originária com a epistemologia francesa e associada ao pensamento e aos escritos de Gaston Bachelard e George Canguilhem reconheceu na noção de prática científica um de seus objetos de análise, e também fez da noção de prática científica um importante critério para a verificação da verdade. Isso significa que a epistemologia define como prática científica todas as técnicas empregadas na "produção" e "verificação" de atividades empíricas e experimentais sobre o "dizer verdadeiro das ciências".

De acordo com os epistemólogos, as práticas científicas não são homogêneas e universais, mas ao contrário, as práticas científicas são convenções e procedimentos técnicos historicamente constituídos e em constante modificação, uma vez que são regidos por um conjunto de regras provisórias (temporárias) nem sempre bem explicadas. Dessa maneira, o interesse epistemológico em delimitar o conjunto de práticas históricas que tornam possível o aparecimento de um dizer verdadeiro para as ciências representa uma inversão teórico-metodológica com relação à postura e a tarefa da corrente de pensamento associada a fenomenologia, que procurava legitimar a validade do conhecimento através dos sentidos atribuídos pela experiência significativa do sujeito.

Assim, o objetivo da reflexão conduzida pela epistemologia não é revelar através da prática científica uma verdade ocultada pela aparência dos fenômenos, isto é, a prática científica não **reproduz** a verdade, mas a **produz**. Dessa maneira, não é possível do ponto de vista da prática científica estabelecer critérios universais ou exteriores para que seja possível avaliar o discurso com pretensão a verdade de determinada ciência somente a nível conceitual.

Ademais, a problemática que aponta para os objetivos disciplinares da epistemologia não seria somente o de apresentar a razão conceitual pelo qual foram constituídos os discursos ditos verdadeiros, mas, principalmente em descrever como e em quais condições históricas (a priori) determinadas práticas científicas foram possíveis de existir e introduzir as formas de racionalidade dominante numa determinada época. A análise epistemológica também não exclui ou rejeita as demais práticas científicas e formas de racionalidade consideradas como "erradas" e não associadas momentaneamente ao discurso demarcado pela verdade, pois mesmo as práticas científicas responsáveis por discursos considerados incorretos fazem parte do cenário epistêmico compreendido como "regime de racionalidade".

Assim, para a análise epistemológica o ato de conhecimento deixa de possuir como referente e fundamento tanto o sujeito e sua produção de sentido-significativo, como também a experiência empírica derivada da ação de conhecimento do sujeito. Logo, a partir da perspectiva epistemológica todo o processo histórico e prático para a produção e legitimação do conhecimento torna-se o próprio objeto da disciplina chamada de epistemologia francesa, inclusive as condições de possiblidade para o conhecimento fundado no sujeito também passam a ser objeto da epistemologia.

A análise realizada pelos epistemólogos sobre os saberes e os discursos ditos verdadeiros por meio da delimitação das práticas científicas, possibilitou um estilo de descrição sobre o aparecimento dos discursos com dizer verdadeiro mediado pela introdução de uma análise histórica amparada com a noção de descontinuidade histórica. Para os epistemólogos interessados na descontinuidade histórica, o conhecimento possibilitado pelas práticas científicas seja como disciplina ou conceito não deveria ser reconhecido por algum "começo silencioso e puro" através de uma linhagem, ou de seus precursores.

Dessa maneira, tanto um conceito, como uma disciplina científica tornam-se "dizeres verdadeiros" a partir de um conjunto de práticas científicas que implicam em "efeitos múltiplos de padrões de racionalidade histórico de uma época" (FOUCAULT, 2013b). Nessa linha de pensamento Canguilhem pôde retomar as principais categorias metodológicas da epistemologia de Bachelard a

partir de sua introdução sobre uma reflexão sobre o gradiente de racionalidade nas "ciências duras" (física moderna), e aplicá-las como categorias de análise para as chamadas "ciências da vida": biologia, anatomia e fisiologia.

De acordo com Michel Foucault, George Canguilhem ao desenvolver seu trabalhado enquanto historiador das ciências contribuiu com a valorização de um domínio relativamente negligenciado no interior do debate epistemológico, Canguilhem remanejou a própria disciplina em pontos essências como a perspectiva temporal descontínua sobre a transformação histórica das ciências e dos saberes (FOUCAULT, 2013b).

> Se há uma especificidade da história epistemológica de Canguilhem, é o fato de ter situado a análise da descontinuidade no nível do conceito, segundo ele o mais fundamental entre os elementos dos discursos científicos. (MACHADO, 2006, p.33)

Dessa forma, George Canguilhem deu continuidade as propostas de reconhecimento de uma historicidade radical para o pensamento filosófico e para as práticas científicas. De modo a sustentar que não existe uma lógica geral de cientificidade, mas, uma produção regional de discursos sobre a verdade de maneira sempre provisória (RAGUSA, 2019, p. 8).

Para Roberto Machado, a ideia de Canguilhem sobre a perspectiva temporal descontínua para a história epistemológica compreende que um conceito é produzido em determinado contexto da história. Assim, a formulação de um conceito ou teoria não corresponde a uma associação legítima entre autor, obra e verdade, mesmo que o conceito e ou a teoria possuam o nome de quem o produziu Assim, um conceito ou uma teoria não são formulados através de um único ato cognitivo e através de uma razão unitária, nesse sentido, a história das ciências deve ser a "história da formação, deformação e da ratificação de conceitos científicos" (CANGUILHEM, in; MACHADO, 2006, p. 33).

O limite entre o científico e o não-científico definido pelo regime de racionalidade de um determinado período histórico aponta para o movimento de "progresso" ou "retrocesso" no desenvolvimento do campo científico, dessa maneira, as fronteiras entre discurso verdadeiro e não-verdadeiro são

renegociadas, redefinidas e apresentam novas problemáticas, temas, objetos e métodos, na perspectiva de Canguilhem, "a ciência moderna faz da descontinuidade uma obrigação da cultura". (CANGUILHEM, in; YASBEK, 2008, p. 60). Assim, o desenvolvimento do conhecimento científico possui um itinerário e a história epistemológica é o campo de registro desse trajeto científico "atravessado por acidentes, retardado ou desviado por obstáculos, interrompido por crises, quer dizer, por momentos de julgamento e de verdade" (CANGUILHEM, in; YASBEK, 2012, p. 34).

> Retomando esse mesmo tema, elaborado por Koyré e por Bachelard, Georges Canguilhem insiste no fato de que a identificação das descontinuidades não é, para ele, nem um postulado nem um resultado: é, antes, uma "maneira de fazer", um procedimento que se integrou à história das ciências, por que ele é requisitado pelo próprio objeto do qual ela deve tratar. A história das ciências não é a história do verdadeiro, de sua lenta epifania; ela não poderia pretender relatar a descoberta progressiva de uma verdade inscrita desse sempre nas coisas e no intelecto, salvo se se pensasse que o saber atual a possui finalmente de maneira tão completa e definitiva que ele pode usá-la como um padrão para mensurar o passado. E no entanto, a história das ciências não é uma pura e simples história das ideias e das condições e, que elas surgiram e se apagaram. (FOUCAULT, 2013, p. 373b)

Assim, a epistemologia francesa pretende avaliar a ciência de um ponto de vista de sua cientificidade, e para realizar tal tarefa elege como instrumento privilegiado a análise histórica descontínua. Essa perspectiva se justifica tendo em vista que a própria ciência, seus métodos, teorias e disciplinas tornam-se objeto para uma crítica epistemológica, e dessa maneira a análise histórica converte-se em importante instrumento para compreensão da situação científica num determinado regime de racionalidade, ou contexto paradigmático.

Dessa maneira, ao tematizar as ciências do ponto de vista de sua cientificidade, os estudos epistemológicos romperam com a tradicional noção sobre os acontecimentos históricos pensados através de uma historicidade cumulativa e continuísta. Essa posição é fundamental de ser destacada, pois, permite o estabelecimento de uma reflexão sobre as rupturas e transformações

do campo científico como evidencia da descontinuidade na história, isto é, a ocorrência de acontecimentos históricos-limites no campo científico, os quais foram compreendidos como rupturas ou cortes epistemológicos (RAGUSA, 2019, p.9).

Nesta medida, a história das ciências praticada pela epistemologia francesa não é uma história compreendida como a crônica descritiva dos acontecimentos, isto é, uma história do tipo factual e explicada através da sucessão de causas e consequências. É com esse sentido que a história das ciências deve ser uma história das filiações discursivas-conceituais, na medida em que uma filiação desse tipo "ao possuir o estatuto da descontinuidade" não deve ser compreendida como um quadro de doutrinas e como progressão dos discursos relativos a verdade (YASBEK, 2008, p.62)[3].

> [...] A história das descontinuidades não é adquirida de uma vez por todas; ela é "impermanente" por si mesma, ela é descontínua; deve ser ininterruptamente retomada através de novos esforços. Seria preciso concluirmos daí que a ciência faz e refaz a cada instante, de maneira espontânea, sua própria história [...] (FOUCAULT, 2013b, p. 377).

Através dessa metodologia para a história das ciências surge uma importante noção para sustentar a perspectiva histórica descontínua sobre a aparição dos discursos científicos, trata-se da noção de ruptura ou "corte epistemológico" (coupure epistemologique). De acordo com Roberto Machado, o conceito de ruptura ou corte epistemológico foi fundamental para constituição da disciplina da epistemologia enquanto campo de crítica da ciência, trata-se de uma reflexão temporal sobre o processo histórico de produção do conhecimento introduzida por Gaston Bachelard e posteriormente desenvolvida nos trabalhos de história da ciência de George Canguilhem (MACHADO, 2006, p. 33).

O corte epistemológico, corresponde a uma delimitação temporal que marca uma ruptura entre diferentes regimes de racionalidade ou paradigmas

[3] De acordo com Machado, tratando-se especificamente da obra de Canguilhem, o que caracterizou a epistemologia francesa foi justamente o privilégio atribuído à descontinuidade como critério de reconhecimento sobre a formação de conceitos no âmbito dos desenvolvimentos de uma ciência. Cf: MACHADO, Roberto. **Foucault: A Ciência e o Saber**. 3° Edição. Rio de Janeiro. Editora: Jorge Jahar Editor. 2006. p. 33-34.

científicos, isto é, uma transformação radical dos critérios de análise científica a nível histórico-linguístico entre os discursos científico e seus métodos, teorias e objetos. O corte epistemológico permite o reconhecimento de rupturas epistemológicas que mostram não somente a fronteira entre o discurso verdadeiro e falso no interior de determinado campo científico, mas corresponde a um marcador de diferenças dos códigos linguísticos entre uma época e outra e que podem possuir um sentido histórico descontínuo.

Essas rupturas que marcam descontinuidades históricas podem ser evidenciadas no momento em que a linguagem utilizada no interior de uma ciência torna-se incompreensível para a resolução de problemas em sua atualidade. Essa falha linguística a nível epistemológico tem por referência as bem-sucedidas tentativas anteriores de encontrar na linguagem científica a resolução de seus problemas fundamentais. Assim, cabe à epistemologia a partir de sua apropriação descontínua da história, tornar inteligível este momento de identificação precária e intrincada do pensamento científico ao reconhecer o limite para a produção de uma nova linguagem através da história das ciências (YASBEK, 2008, p.60-61).

Portanto, as duas consequências mais impactantes sobre a noção de prática científica legada pela epistemologia francesa são: a primeira se refere a desqualificação do caráter unitário, progressivo e contínuo do discurso racional e científico com proposta da noção de regime de racionalidade. E a segunda, trata da noção de corte epistemológico, ao apontar para uma nova perspectiva sobre a temporalidade histórica através da descontinuidade entre as e transformações dos regimes de racionalidade,

Dessa maneira, o interesse de Michel Foucault pela epistemologia se justifica com a introdução do método histórico-filosófico chamado por arqueologia dos saberes, utilizado pelo filósofo para descrever historicamente es relações discursivas que constituíram os saberes em diferentes épocas. O grau de influência da epistemologia pode ser identificado em suas pesquisas através da problemática sobre as condições históricas de transformação e ruptura das epistemes. Foucault pôde desenvolver essa temática a partir de uma metodologia convertida ao estruturalismo ao colocar em “parênteses” todo o

sentido-significativo com pretensão a verdade de uma determinada enunciação discursiva.

Estruturalismo e a arqueologia dos saberes: a episteme

Para descrever acontecimentos de transformação e ruptura imperceptíveis a nível dos saberes, Michel Foucault partilhou durante sua pesquisa arqueológica de critérios teórico-metodológico delimitados pelos pesquisadores estruturalistas. De acordo com o filósofo, os acontecimentos históricos que demarcam rupturas epistemológicas produzidas pela composição de novas relações discursivas sobre os saberes não poderiam ser reconhecidos em análises históricas do tipo causal ou dialética (FOUCAULT, 2013a).

Dessa maneira, por meio da introdução de um estilo específico de análise estrutural durante a prática de sua pesquisa arqueológica, Michel Foucault mostrou através de um ponto de vista histórico e descontínuo como foram possíveis a emergência de relações discursivas que possibilitam o surgimento de estruturas do saber ocidental chamadas de epistemes. A caracterização da arqueologia dos saberes como um método similar aos diversos estruturalismos dos anos sessenta só pode ser feita tendo em vista a prática teórico-metodológica de um estruturalismo que não recuse a historicidade dos objetos, e pelo qual a noção de episteme não corresponda a um sinônimo conceitual de estrutura. Contudo, antes de mostrar como a arqueologia dos saberes pode ser compreendida como uma variação das pesquisas rotuladas como estruturalistas convém mostrar suas diferenças.

A pesquisa arqueológica sobre os saberes não deve ser associada aos estruturalismos compostos com uma perspectiva teórica sobre a noção de estrutura com caráter atomista e sincrônico, originária com o estruturalismo linguístico de Saussure (DREYFUS e RABINOW, 2010, p. 19). De maneira geral, os estruturalistas da linha saussuriana conceituam que determinada estrutura dever representar uma forma, ou um modelo sistêmico referente a um conjunto interdependente e articulado por elementos semânticos, os quais possuem um valor significativo aleatório (DELEUZE, 1973).

A definição do conceito de estrutura como um modelo sistêmico, confere ao conceito de estrutura uma característica sincrônica sobre a dimensão temporal. Isto é, a noção de estrutura foi comumente utilizada sem uma preocupação com os acontecimentos de transformações e rupturas, dessa maneira, o conceito tornou-se tributário de uma perspectiva temporal reconhecida como a-histórica. Essa perspectiva estruturalista – ao contrário da ciência da história – pressupõe que a transformação da realidade não ocorre no nível dos acontecimentos históricos, e por isso a compreensão da factualidade dos acontecimentos não deve ser relevante como critério explicativo para as transformações da realidade (DOSSE, 2007).

De acordo com a tradicional noção de estrutura derivado do curso de Saussure, o conceito de episteme corresponderia a um modelo de estrutura sistêmico, universal e anti-histórico, pelo qual os discursos sobre os saberes representam os elementos integrantes e inter-relacionados dessa estrutura. De fato, foi com objetivo contrário que Michel Foucault introduziu e utilizou o conceito de episteme em, "As Palavras e as Coisas", pois a intenção do filósofo foi mostrar como as transformações históricas originárias com as rupturas epistemológicas não sustentam a aparente "unidade discursiva" de uma episteme, assim as formações discursivas como a ciência, a literatura e a filosofia possuem deslocamentos teóricos e redefinições conceituais descontínuas.

Dessa maneira, o interesse do filósofo em introduzir análises estruturais que possam evidenciar a mudança e a transformação histórica sobre acontecimentos a nível dos saberes, foi mostrar a dispersão de sentidos dessas relações discursivas sobre os saberes quando ocorrem as rupturas epistemológicas no saber ocidental, o que possibilita a sucessão entre uma episteme e outra, assim; "dispersão mais do que estruturas, que se impõe a nós sem que possamos compreende-lo ou percebe-lo" (VEYNE, 2011, p. 173).

A noção de episteme antes de significar um conceito teórico sobre uma estrutura, representa numa perspectiva geral o objeto descrito pelo filósofo em

sua pesquisa arqueológica a partir de um estilo de linguagem estrutural sobre um objeto com historicidade.[4]

Com as descrições arqueológicas realizadas em "As Palavras e as Coisa", Michel Foucault pôde mostrar por meio de uma análise histórico-estrutural a correlação entre as ciências empíricas modernas (biologia, economia e filologia), as quais foram responsáveis pela discursividade sobre o homem enquanto objeto dos saberes modernos. Assim, foi somente através da composição de quadros, ou séries *discursivas* historicamente situadas entre diferentes saberes ser possível a delimitação de uma episteme, isto é, de relações discursivas que tornam possível o aparecimento dos discursos que marcam os saberes de uma época. (FOUCAULT, 2007, p. 27).

O híbrido arqueológico: entre a epistemologia e o estruturalismo

Se é aceitável que a pesquisa arqueológica de Michel Foucault sobre as ciências humanas foi constituída por um método híbrido entre o estruturalismo e uma epistemologia com uma perspectiva histórica descontínua, cabe a questão: Como a problemática sobre a descontinuidade histórica oferece a arqueologia dos saberes uma perspectiva estruturalista entre as epistemes?

Michel Foucault partilhou em sua pesquisa arqueológica da noção de tempo histórico desenvolvida pela história das ciências de George Canguilhem. De fato, aquilo que interessou a Foucault nessa concepção de história foi a distinção entre a noção de tempo da história das ciências, com relação a noção de tempo ofertada pela história tradicional através de uma perspectiva contínua e linear. Assim, a descrição arqueológica que procure encontrar transformações e modificações históricas representada pelos cortes e rupturas epistemológicas

[4] Para Dosse o conceito e a abordagem do conceito de Episteme em 1966 no livro As Palavras e as Coisas representou o momento mais estruturalistas da pesquisa de Foucault, tendo em vista que o objeto Episteme é construído numa perspectiva estruturalista dupla, pois corresponde tanto a uma estrutura para organização dos discursos que constituem o saberes a partir de suas relações e transformações históricas, ao mesmo que indica um estilo de problematização teórica – metodológica desenvolvido por Foucault dada a introdução de uma linguagem estrutural utilizada por ele para delimitar esse objeto. Cf: DOSSE, François. **História do Estruturalismo. O campo do Signo - 1945/1966** Bauru. Editora: Edusc. 2007. p. 433.

deve orientar-se por uma epistemologia com uma perspectiva descontínua sobre a história.

Michel Foucault apropriou-se do método da descontinuidade histórica nos anos sessenta, sua justificativa para essa apropriação metodológica foi dada em razão do próprio objeto de suas análises (rupturas epistêmicas). Dessa maneira, a descontinuidade histórica cumpriu com uma tarefa fundamental na pesquisa de Foucault ao permitir a ampliação da possiblidade de periodizações interna para os acontecimentos a nível dos saberes. (FOUCAULT, 2013a)

Essa perspectiva histórica descontínua permite compreender como se constituíram os limites epistemológicos entre as epistemes (Renascimento, Classicismo e Modernidade) para conhecer as rupturas e transformações na ordem dos saberes.

Nesse sentido em, "As Palavras es Coisas", a arqueologia de Foucault foi praticada por meio de uma abordagem metodológica com caráter estruturalista, uma vez que o estruturalismo lhe serviu como método para explicar as mudanças e transformações descontínuas na história, assim a arqueologia converte-se em prática de pesquisa estruturalista quando toma por objeto um sistema transformável e as condições históricas nas quais suas transformações se realizam, isto é, o a priori histórico (FOUCAULT, 2013c, 304). Para a arqueologia dos saberes de Michel Foucault, o estruturalismo ao ser introduzido nos estudos epistemológicos torna-se um método propriamente histórico e com a finalidade de ofertar uma análise rigorosa sobre as transformações históricas a partir da descontinuidade.

Ademais, foi através da perspectiva descontínua sobre a história que Michel Foucault pôde fazer do conceito de episteme não somente seu objeto de estudo, mas também, a "chave teórica-metodológica" que permitiu a introdução de uma metodologia para uma análise das transformações históricas e de uma linguagem estruturalista no domínio da história das ciências, possibilitando a associação de seu trabalho nos anos sessenta junto ao estruturalismo sem recorrer ao determinado conceito de estrutura (FOUCAULT, 2013a).

A Arqueologia dos saberes como metodologia para a mudança e ruptura epistemológica

Como foi apresentado no início desse artigo, Michel Foucault afirmou ter introduzido análises do tipo estrutural nos domínios da história para fazer uma história das filiações discursivas relativas as ciências humanas (FOUCAULT, 2013a). A partir disso, a problemática que será desenvolvida nesse item parte da seguinte questão: Como Michel Foucault pôde utilizar um método histórico-estruturalista para descrever as rupturas e mudanças de maneira descontínua entre uma episteme e outra?

O "arqueólogo-estruturalista" deve observar e descrever as condições de produção e existência dos discursos sobre os saberes entre uma episteme e outra, mas não para "positivar" os conteúdos significativos no que se refere a produção de verdades sobre os discursos legitimados cientificamente, mas, para colocá-los em relação e demarcar suas rupturas e mudanças através do processo de "dispersão" dos sentidos discursivos ao restabelecer nova ordem epistêmica. É nesse aspecto que a arqueologia mostra as diferenças entre as práticas discursivas e os discursos sobre os saberes em diferentes períodos históricos.

Foucault buscou encontrar uma tipologia das transformações das regras que organizam as epistemes, essas tipologias de transformações epistêmicas foram para o filósofo o meio pelo qual ele "mostrou" as sucessões e rupturas entre epistemes através de uma perspectiva histórica descontinua, assim, o que deve ser problematizado como objeto para as descrições do arqueólogo-estruturalista, consiste nos espaços limites entre uma episteme e outra.

Através desse "estruturalismo-arqueológico" as transformações históricas que ocorrem entre um período e outro foram delimitadas por rupturas, que, ao contrário da tradicional concepção linear sobre a história das ciências, mostraram como em alguns campos discursivos não ocorrem necessariamente transformações derivadas ou consequenciais com relação aos saberes anteriores, mas, que as rupturas expressam transformações correlatas entre os saberes de um período e outro. Assim, o estruturalismo histórico de Michel Foucault define o limite de ruptura entre os códigos linguísticos de uma época e

outra para colocar em relevo as diferenças sobre a ordem dos saberes entre diferentes epistemes.

Podemos exemplificar essa perspectiva de Michel Foucault sobre o estruturalismo como método que possa explicar a mudança[5]:

> Seja um estado *A* da língua, estado caracterizado por um número certo de traços. Seja atualmente um estado *B*, no qual se constata que houve tal mudança e que, em particular, o elemento *a`* foi transformado em *a``*. Neste momento, os linguistas constatam que essa mudança é sempre correlativa de outras mudanças (b´ em b``, c´ em c`` etc.). A análise estrutural não consiste então em dizer: a mudança de a` em a`` provocou a série de mudanças, b´ em b``, e c` em c``, e sim: não se pode encontrar a mudança de a´ em a``, sem que haja igualmente a mudança de b´ em b`` de c` em c`` etc. (...) O Estruturalismo – isso acaba de ser dito aqui, dessa vez de maneira sistemática e com vigor – longe de se opor a mudança – ou seja, à história – é apenas uma modalidade de análise da mudança, uma modalidade de análise que a "precipita" de alguma forma e permite dar conta dela (FOUCAULT, 2013a, p.175).

Portanto, a arqueologia dos saberes a partir de uma metodologia histórico-estrutural pôde mostrar como as relações discursivas entre os saberes comumente reunidas em estudos históricos por conjuntos como séculos, mentalidades e espírito do tempo, acabam por dispersar-se em diferentes epistemes, adquirindo novos sentido-significativos com a reorganização das regras que definem as posições do discurso nas epistemes.

Michel Foucault pôde mostrar como saberes que são aparentemente distintos e desconexos, possuem pontos de contato e influencias uns sobre os outros, como por exemplo, com o triedro dos saberes e a constituição da figura do homem. Dessa maneira, ao realizar uma arqueologia dos saberes foi possível estabelecer a nível das relações discursivas e não dos objetos pelos quais essas relações se organizam, o filósofo estabelecer uma homogeneidade na

[5] Michel Foucault foi acusado por muitos críticos por não ter explicado de fato as causas e razões que justifiquem as mudanças epistemológicas, diante disso ele foi convidado pelo círculo de Epistemologia francesa a esclarecer seu programa arqueológico. Esse esclarecimento foi transformando num texto publicado em 1968 chamado "Resposta a Uma Questão".

heterogeneidade dessas relações entre os saberes sobre o homem (JAQUET, 2016).

Considerações Finais

Através da composição de um híbrido entre a tradição de pensamento associada aos epistemólogos junto com a perspectiva metodológica ofertada pelo estruturalismo, Michel Foucault pôde inserir momentaneamente sua pesquisa arqueológica em um campo de pesquisa teórico-metodológico pelo qual ele pudesse introduzir um método para descrição dos discursos através de uma perspectiva histórica e estrutural, seu objetivo foi descrever a formação dos saberes sobre o homem e instituições sociais.[6]

Foucault sem ser rigorosamente um estruturalista no sentido estrito dessa linha teórica, ao menos pode ser reconhecido como um filósofo que contribuiu em determinado momento de suas pesquisas com o aprofundamento das variantes da pesquisa estruturalista, pois utilizou da linguagem estruturalista em sua problemática sobre os saberes mesmo com a recusa do rótulo de cientista "estruturalista".

Ademais, Foucault partilhou de determinados procedimentos de pesquisa a nível conceitual e metodológico que entre os anos cinquenta e sessenta tornaram-se hegemônicos no interior das ciências humanas. Dessa forma, ele poderia estar num "lugar" epistemológico, ou, numa posição teórico-metodológica pela qual foi possível recusar aos pressupostos das práticas científicas e filosóficas ancoradas na racionalidade exclusiva do sujeito. Ao colocar-se numa posição lateral aos estruturalistas, Foucault, pôde apropriar-se das práticas e da linguagem estruturalista para desenvolver sua arqueologia dos saberes por meio de uma história estrutural das filiações discursivas.

[6] Os trabalhos desenvolvidos durante sua pesquisa arqueológica*:* História da Loucura*,* O Nascimento da Clínica e As Palavras e as Coisas, foram trabalhos que objetivaram justamente a composição das formações discursivas, pela qual se pôde delimitar a existência de objetos como a loucura, o hospital e as ciências humanas. A preferência teórico-metodológica de Michel Foucault, em fins dos anos cinquenta e início da década de sessenta, irá assentar-se no que se refere a uma grade teórica metodológica estruturalista. O objetivo de suas análises nesse momento de sua pesquisa, não esteve mais preocupado com o significado do sentido, mas sim, com as condições de produção, aparecimento e irrupção do sentido.

Dessa maneira, a estratégia de adesão ao estruturalismo realizada por Michel Foucault não foi desenvolvida necessariamente pelo interesse em praticar análises estruturais, mas, para situar-se junto aos estruturalistas no que se refere a composição de um campo de pesquisa dominado por uma linguagem fértil para a resolução da problemática arqueológica sobre os saberes.

Já com relação a temática de pesquisa da arqueologia dos saberes, as vantagens adquiridas pela arqueologia dos saberes com o estruturalismo para realizar uma história estrutural das ciências, pôde ser reconhecida pelo esforço em conhecer as condições históricas de transformação e ruptura a nível dos saberes, as quais, não poderiam ser explicadas com análises históricas continuístas ou causais, mas através da introdução de análises estruturais nos domínios da história

Portanto, associar o pensamento e os escritos de Michel Foucault em sua pesquisa arqueológica junto ao estruturalismo é reconhecer a introdução de um plano conceitual e de uma linguagem estruturalista por parte do filósofo. O estruturalismo foucaultiano representa um ponto de chegada e não de partida em sua trajetória teórico-metodológica, também significa que sua pesquisa arqueológica possui um "lugar" específico e complexo no interior das ciências humanas, delimitado por um movimento teórico de integração de campos de pesquisa distintos. Dessa maneira, é possível qualificar a arqueologia dos saberes como um estilo de estruturalismo com recorrência a historicidade para identificar a transformação dos saberes, ainda que ausente da introdução e do desenvolvimento de um método sobre estruturas como fizeram Strauss e Lacan no decorrer de suas obras.

Bibliografia.

CANGUILHEM, George. "L`objet de l´historie des sciences". *In*: **Études d´história et de philosophie des sciences.** Paris: Vrin, 1994.

CARDOSO JUNIOR, Hélio Rebello. **Enredos de Clio: pensar e escrever a História com Paul Veyne.** São Paulo: Unesp. 2003.

CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica. 2014.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte. Autêntica. 2004.

DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1973.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** 2° Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DOSSE, François. **História do Estruturalismo: O Campo do Signo**. Bauru/SP: EDUSC, 2007.

DOSSE, François. **A história a prova do tempo. Da história em migalhes ao resgate do sentido.** São Paulo: Editora Unesp. 2001.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2007.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes. 2007.

FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que É "a Atualidade". *In*: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3° Edição. 2013a.

FOUCAULT, Michel. A vida: Experiência e ciência". In: Ditos e Escritos volume 2, **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento.** Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 3° Edição. 2013b.

FOUCAULT, Michel. Retornar a História. In: Ditos e Escritos volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 3° Edição. 2013c.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault Explica seu Último Livro. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2013d.

FOUCAULT, Michel. Estruturalismo e Pós-Estruturalismo. *In*: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3° Edição. 2013e.

FOUCAULT, Michel. Resposta ao Círculo de Epistemologia *In*: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3° Edição. 2013f.

FOUCAULT, Michel. Linguística e Ciências Sociais. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3° Edição. 2013g.

FOUCAULT, Michel. Foucault Responde a Sartre. In: Ditos e Escritos, volume VII. Arte, **Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2011a.

FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault. In: Ditos e Escritos, volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2011b.

FOUCAULT, Michel. Entrevista com Madeleine Chapsal. In: Ditos e Escritos, volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 1º Edição. 2011c.

FOUCAULT, Michel. O que é o Senhor, Professor Foucault? In: Ditos e Escritos, volume X. **Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2014.

JAQUET, Gabriela Menezes. **A CONDUÇÃO DE SI E DOS OUTROS ATRAVÉS DE UMA ACONTECIMENTALIZAÇÃO DA HISTÓRIA EM MICHEL FOUCAULT**. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2016.

MACHADO, Roberto. **Foucault, A Ciência e o Saber**. Rio de Janeiro: JZE. 2006.

MADARASZ, Norman R.; JAQUET, Gabriela M.; FÁVERO, Daniela N.; CENTENARO, Natasha (Orgs.). **Foucault: leituras acontecimentais.** [recurso eletrônico] / Norman R. Madarasz, Gabriela M. Jaquet, Daniela N. Fávero, Natasha Centenaro (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

OKSALA, Johanna. **Como ler Foucault**. Rio de Janeiro. Editora. Jorge Zahar Editor. 2011.

RAGUSA, P. A Arqueologia do Saber de Michel Foucault em perspectiva: Da fenomenología existencial para a epistemología conceitual. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 53, 2019.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: Un pensamiento de lo descontinuo**. Buenos Aires. Amorrortu/editores. 2014.

RIBAS, Thiago Fortes. **Foucault: Verdade e Loucura no Nascimento da Arqueologia**. Curitiba. Editora da Universidade Federal do Paraná. 2014.

RIBEIRO, Renato Janine. (Org.). **Recordar Foucault**: São Paulo: Brasiliense. 1987.

ROUANET, Sérgio Paulo (Org.). **O homem e o discurso a arqueologia de Michel Foucault.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Os filósofos da tormenta, Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2007.

VALLEJO, Mauro. Michel Foucault y el estructuralismo: un sacerdocio apócrifo. *In*: Vallejo, M. & Rodríguez, F. **El estructuralismo en sus márgenes. Ensayos sobre críticos y disidentes: Althusser, Deleuze, Foucault, Lacan y Ricoeur**. (Buenos Aires: Ediciones del Signo. 2011.

VEYNE, Paul. **Foucault, seu Pensamento, sua Pessoa**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2011.

WILLINAMS, James. **Pós-Estruturalismo**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes. 2013.

YEZBAK, André Constantino. **Itinerários Cruzados: Os caminhos da contemporaneidade filosófica francesa nas obras de Jean-Paul Sartre e Michel Foucault.** Tese de Doutorado apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2008.

YASBEK, André Constantino. **10 Lições sobre Foucault**: Forense Universitária. Rio de Janeiro. 2011.

Recebido em Dezembro de 2020
Aprovado em Janeiro de 2021